

A INSÓLITA BUSCA POR UMA POMBA EM LISBOA

Luanda Francine Garcia da Costa¹

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(Carlos Drummond de Andrade)

PRIMEIRO ATO: SER, RECONHECER SER

Foi aí que a vi. Quando duas jovens transeuntes, sem a perceberem como existência e presença na cidade, quase a chutaram e seguiram derramando risos pelo caminho. O susto às vezes produz chiste. Não é engraçado como os discursos

¹ Doutoranda em Filosofia (Universidade de Lisboa, Portugal). Psicanalista. <http://lattes.cnpq.br/3831810433919212>. <https://orcid.org/0000-0002-5687-6867>. luanda.francine@gmail.com. Endereço para correspondência não informado. Telefone não informado.



de esmagamento do outro, que atravessam a história, podem atravessar um pontapé e um jeito de pisar no mundo tão bem e tão sem querer?

Na atmosfera do asfalto, turistas, lojas, engraxates, trabalhadores à espera dos ônibus, passantes apressados, táxis, fotografias, ciganas vendendo mercadorias da China, barulhos crônicos e agudos. Nessas e outras mais, entre linhas cruzadas, está uma pomba. Uma pomba, assim como tantas outras estão, estiveram e estarão conosco nas cidades que partilhamos. Porém, essa pomba, assim como qualquer pomba, não era qualquer pomba. No caso, era uma pomba menor, na passagem de ser filhote para ser adulta. Em minha intuição, assumidamente projetiva, era fêmea. Suas penas tinham aspecto eriçado, uma de suas patas estava ferida e em sua face havia muitos nódulos, já estourados. Uma pomba em chagas, marginal, numa calçada da região central de Lisboa. Assim como qualquer pomba em chagas, marginal, nas calçadas das regiões centrais de grandes cidades, em extrema condição de precariedade.

Caminho com Judith Butler (2015) em direção à pomba. Apesar dela, a Butler, não ter conseguido saltar o hiato em direção a ela, a Pomba, esse tipo de “outro mais outro que qualquer outro” (Derrida, 2002), ela caminhou em direção A. Por exemplo, quando disse que a precariedade é uma “uma condição compartilhada da vida [...] que une animais humanos e não humanos” (p. 28), numa rede de interdependência que produz as *condições* para que as vidas possam acontecer. Neste instante, recupero também os seus ditos de que a precariedade nunca existe fora da organização e interpretação políticas, que é uma ontologia social que constitui uma obrigação para com os outros. E que reconhecer isso implica repensar, junto ao corpo, “a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social” (Butler, 2015, p. 15).

Continuo no diálogo. O problema é que o reconhecimento não é livre. Ele é direcionado pelas normas sociais que governam e que carregam o bastão da

decisão sobre quais vidas devem ser ou não reconhecidas como vidas, e, quando reconhecidas, se devem ser dignas ou indignas de proteção contra a destruição. A isso tudo Butler (2015) chamou de “enquadres” (*frames*). Eles nos ensinam desde os primeiros passos que há vidas que não contam e que não são, e nem devem ser, passíveis de luto. A guerra é um exemplo disso. Sigo com a questão que elas – a pomba e a Butler – me colocam: como criar as condições que propiciam modos mais inclusivos e igualitários de *reconhecer* a precariedade, e, assim, tornar as vidas mais vivíveis, mais equitativamente passíveis de luto nas sociedades humanas?

Percebo que estou numa zona de guerra e a pomba é a civil bombardeada pelas armas químicas dos piores afetos. Repito comigo: uma guerra, que opera contra presenças escondidas atrás do quadro. Não reconhecer a guerra é parte do efeito do enquadre. Afinal, quando a violência passa a ser reconhecida como guerra? Quando um outro passa a ser reconhecido como alguém contra quem se luta? “Guerra é guerra”, mas há guerras que não contam, porque não lhes deixamos contar. Seja porque são julgadas menores, por envolver viventes marcados como menos importantes na escala moral do poder dominante, ou então, seja porque aquele que se quer combater é objeto de gozo para livre violação, ratificada por concessão divina, natural, científica, econômica e política. Esses dois modos de fazer guerras não declaradas, dissimuladas, operam simultaneamente ou não. No primeiro, reconhece-se que há alguém ali, alguém que vale menos, bem menos. No segundo, não há ninguém para ser reconhecido, sequer como menos. Indignos da guerra e indignos de guerra. Aqui nesta vala é colocada a maior parte dos animais outros que humanos. Aqui está aquela pomba que vejo agora.

O animal é o desígnio do lugar usado como fronteira de guerra, território liberado, zona de caça. Nossa sociedade toda sabe disso, que é, inclusive, garantido por Lei como direito primeiro ao homem (e não, eu não desprezo a inflexão de gênero). John Coetzee (2002) diz, via Elisabeth Costello, que tratamos os animais como prisioneiros de guerra: “o prisioneiro de guerra não pertence a nossa tribo.

Podemos fazer o que quisermos com ele. Podemos sacrificá-lo aos nossos deuses. Podemos cortar seu pescoço, arrancar seu coração, atirá-lo ao fogo. Não existe lei quando se fala em prisioneiros de guerra” (p. 70). Em contrapartida, continua, apesar de podermos fazer tudo isso, geralmente não se matam os prisioneiros de guerra. Suas forças de trabalho são aproveitadas, eles são feitos escravos. Os nossos rebanhos, diz, são “populações escravas” cujo trabalho é se reproduzir para nós, sendo até o seu sexo transformado em forma de trabalho (p. 71).

Também Dinesh Wadiwel (2015) discute de que maneiras os nossos sistemas de violência contra os animais se constituem precisamente como uma guerra: não se trata mais de entender a guerra em seu significado convencional, que envolve uma disputa entre dois grupos armados, em relação recíproca de ataque. Até porque a guerra mostra que sabe modificar suas formas e atacar civis, não combatentes (e, especialmente a partir do século XX, isso ganhou mais evidência). Wadiwel (2015) observa que a guerra é modalidade de relação primária com os animais. Uma relação advinda de um sentimento de soberania internalizado, criado a partir de práticas de dominação violenta, que submete as vontades dos animais às nossas.

Reconhecer a guerra que opera em níveis micro e macropolíticos contra os animais é a condição para escolhermos continuar guerreando ou assumirmos uma posição de trégua, esse movimento de saída, onde se abre a chance de renegociações das relações e práticas de igualdade (Wadiwel, 2015). Não obstante, reconhecer essa guerra também pode nos fazer cruzar a linha do *front* para guerrear em outro campo de batalha. Qual? Derrida (2002) coloca os termos em uma “guerra pela compaixão”, pois, violando os animais, como fazemos, violamos o próprio sentimento de compaixão. Costuro com Coetzee (2002): porém, só nos permitimos a sentir compaixão, essa compaixão pelos animais que, olhe lá, é bem rarefeita, há poucas centenas de anos, após os termos vencido nessa guerra que travamos contra eles, desde milhões de anos atrás. Aporias do afeto... Se o reconhecimento depende dos enquadres, de que depende seu *pathos*?

Portal capaz de livrar ou de jogar o outro no fogo eterno, o reconhecimento é um tribunal de julgamento. Por meio dele, reconhece-se ou não Sócrates como um cidadão ateniense e se ordena – manda e organiza – o seu destino: ser expulso da cidade ou ficar e beber cicuta. Ser expulso ou ser expulso, ser negado ou ser negado, ser exposto ou ser exposto. Os enquadres fornecem variedades incríveis para se escolher a não escolha, mascarando as estruturas de pensamento que direcionam as nossas escolhas por meio da materialidade da moldura e das respostas internalizadas veladas por ideologias camufladas. Lembro da expressão “todos os caminhos levam à Roma”. Carne branca, carne vermelha ou carne negra? Exótica, asiática, importada, do sul global, de mulher? Há muitos tipos e preços de carne no mercado. E tanto quanto se desmembram os corpos, também é retalhada a conexão que une a todos, a saber/há sabor – a carne – matável e morrível. Corpos entalhados nos enquadres das indignações seletivas sobre quem pode ser mantido, colocado ou retirado do lugar político chamado carne.

Entretanto, pela negativa, não reconhecer é não reconhecer aquilo que já se conhece. Freud (2006) deu a isso um nome: denegação. A denegação é uma forma específica de negar, recusar o que se sabe que existe, que é verdade. É uma operação de julgamento perante algum conteúdo que já se conheceu, mas que se teima em tentar recalcar no inconsciente. Lá no sonho, a mulher que aparece não é minha mãe, conta o analisando a Freud. Aqui na rua, as pombas não contam, é o que elas me contam. Há uma denegação planejada, sistematizada e organizada sobre elas, recalcada no inconsciente da política que lhes recusa o reconhecimento de pertença social.

Coabitar deveria ser parte do entendimento sobre o que é habitar, mas não é. Alguns tipos de construções se espalharam em massa no planeta, encobrindo e apagando os mundos dos outros viventes, aumentando mais ainda a condição precária de suas vidas. Da escolha de materiais às formas, nos organizamos dentro dos muros das cidades, como se os animais não valessem nada ou sequer existissem. Mas é mentira, não se trata de indiferença. Queremos bani-los.

Queremos puni-los. Não são bem-vindos. Queremos acabar com os fios que nos unem. Em vez das leis da hospitalidade, nos estruturamos socialmente sob as leis da hostilidade. Primeiro colocamos os animais para fora, depois, os chamamos de forasteiros. Um passo à frente, invasores. Quando os aceitamos dentro, é na condição de dóceis prisioneiros. Com o fino amparo das técnicas, projetamos e gerimos espaços de desamparo, seja com armadilhas ou com as mais eficazes masmorras de produção, construídas especialmente para lhes torturar direto na carne. Queremos lhes fazer confessar. Mas confessar o quê? Que os fios que nos unem são incontáveis e incortáveis? Que não só nunca fomos modernos como nunca seremos? Que o inumano é o inexpugnável, o insuperável, o resto *êxtime* sentido como invasão? Pois ora vejam, que perturbante notícia, não poder viver sem as vísceras.

Denegados, os animais são partícipes e pertencentes híbridos da “nossa” sociedade, assim como também participamos, mesmo que à revelia, de suas organizações sociais. Aquilo que chamamos por nosso mundo existe junto e é fundamentalmente composto por outros mundos situados numa malha de relações multiespecíficas. Apesar do discurso liberal vender a fantasia de autossuficiência e de isolamento entre o dentro e o fora, a interdependência é nossa condição estrutural e não estamos no domínio tanto quanto queríamos. Seja no âmbito da constituição orgânica ou psíquica do sujeito, ou da coletividade, só podemos advir, como *efeito da relação* com o Outro e com todos esses outros. Não reconhecer os laços de dependência, denegar a nossa vulnerabilidade e jogá-la em outras costas, é um modo de organização que nos gesta. E não há gestão sem que sejamos gestados junto àquilo que gestamos. Uma política que não se oriente em acolher diferentes modos de existência, diferentes predicções, diferentes viventes, só cria agrupamento unido por pacto social narcísico em prol de interesses particulares.

Cada vez mais, me aproximo daquela pomba. Vida frágil, quase pisada, quase chutada, risível. Reconheci seu ser perecível, chorável entre as pombas e não

chorável para essa humanidade onde me situo, na rede de precariedade que nos une. E que nos separa. Pois sei que a minha vida é passível de luto desde antes do meu nascer. E que a dela sequer é permitida aceder e muito menos se irmanar à luta pelos corpos humanos que não contam, sob pena herética de condenação por traição e apedrejamento em espaço pudico pelo panóptico da antroponormatividade, sempre a postos a corrigir os que ousam reconhecer os sujeitos não humanos como partícipes do nosso laço social. E claro, com a razão. Que, ao denegar a agência dos animais mais que humanos, mantém trancada à sete chaves segredos que não queremos ver sobre nós, mas que não operam em segredo, e por isso mesmo seguem ocultos. Decerto, não é fácil demover o poder soberano de gozar tão sem reservas. Eis uma organização da economia de gozo. Fazer, planejar, sistematizar a perda de gozo do outro para o eu gozar. A repetição diz uma coisa do gozador: a sua recusa do limite. Dentro da luta sobre quem pode ser libertado, luta-se, com a faca nos dentes, pelo direito de preservar alvos para dar destino livre à violência, que, não reconhecida enquanto tal, retorna sob a face do pior: a da violência institucionalizada e naturalizada que produz assassinatos não criminosos. O especismo que praticamos contra os animais se insere aqui como quadro natural e institucional. Paisagístico.

Por isso, os corpos das pombas nas ruas são sequer desviáveis, elas que saiam dos nossos caminhos sempre tão importantes no tapete vermelho, onde, senhoras & senhores, desfilam os eus soberanos, as majestades, os bebês, encenando o lugar tão especial que lhes foi dado por Deus ou por outro Outro do tipo. Assim, sem espaço para mais ninguém além do “nós” etnocêntrico, as pombas que se adaptem ao darwinismo social zoofóbico e ciumento, fruto permitido da cidade que se forma com a ex-pulsão dos animais do paraíso.

Mas aqui, resistindo a tudo isso, meus olhos participam da pomba. Novamente vou atravessar a linha. Preciso tirá-la do tiroteio na rota principal dos Titãs ocupados com suas tautologias celestes. Carregada de compras do mercado, abro um pacote de arroz na esperança de dar-lhe força para lidar com o apocalipse, com a

queda de seu céu. Faço chover grãos, mas eles evaporam-se do sentido, a não ser o de ser, mais uma grosseria à sua sensibilidade machucada.

SEGUNDO ATO: DA RESPONSABILIDADE

Mediante a tentativa de ajuda que poderia piorar ainda mais sua situação, me afasto, e, sem certeza, faço um movimento de adeus, levando nas mãos, agora, o pacote aberto. Depois de alguns passos, me viro para trás e lá está ela, nesse instante, no meio da avenida, junto a dois carros que imediatamente passam por cima dos meus olhos. Mãos na cabeça, em assalto. Suspensa entre a vida e a morte, continuarei a respirar ou reterei para sempre? A verdade se apresenta. Depois dos carros desvendarem minha visão, vem o manto do alívio de que ela ainda estava lá, numa sobrevivente inocência heroica entre duas rodas.

Com a consistência do meu corpo, me lanço à avenida para suspender os tanques antropológicos. Os operadores teriam que me tolerar, sob pena de também estragarem suas vidas maquínicas. Entretanto, o que se passava é que eles sequer conseguiam perceber o que estava acontecendo. Havia um ponto de interrogação que não se via na via, mas que eu via: um pontinho cinza, fazendo vírgula no meu caminho. E o que será que ela via? Do seu nível de visão no chão, como enxergava tudo aquilo? Do seu arranjo singular de saberes de pomba, e de pomba recém-saída do ninho, como experimentava a imposição desse mundo e sua exposição a ele? Tomas Nagel (2013) disse que qualquer pessoa que “já tenha passado algum tempo num espaço fechado com um morcego agitado sabe muito bem o que significa encontrar uma forma de vida fundamentalmente alienígena” (p. 108). O morcego, certamente, poderia dizer a mesma coisa de Nagel (2013), sob outras características. Morcego, pomba, o “alienigenismo” é a própria condição da diferença entre as espécies, e que coloca em causa a alienação ao outro como Mesmo. O extraterrestre é o extra-minha-terra, extra-mundo-meu, extra-eu. Essa pomba, fundamentalmente outra, sentindo sons, cores, cheiros, orientações que nunca acessarei, é também uma alienígena urbana, alienada no olhar da

mesmidade, que, por sua vez, também lhe impõe arranjos de vida alienígenas à sua ancestralidade.

Por um milagre, tivemos, ela e eu, a sorte de encontrar um motorista não brutalizado que soube aguardar o nosso tempo. O tempo da delicadeza, do respeito e da negociação, do reconhecimento dos medos e das decisões. A pomba, assustada e encurralada pela crueza, escarpada na guerra etnocêntrica, entrou embaixo de um táxi quando este havia parado para deixar entrar os que estão de passagem. Por um instante, a atmosfera escura e sem ninguém embaixo das ferragens lhe foi o seu melhor abrigo. Eu soube. E doeu estar ali para tirá-la desse ventre que no futuro a devoraria. Mas eu sou mãe. Recobro o foco da missão. Vamos!

Foi então nesse íterim que, suspensas no tempo suspenso, finalmente nos olhamos face a face, olho no olho. Até aqui, só eu a havia olhado e agora ela também me olhava diretamente. Seu olhar, fenda aberta para o seu universo, me apanhou e me entregou a seu destino. Me encarando agudamente nos olhos, se indagou e me indagou virando algumas vezes a cabeça com seu intenso e frágil olhar pungente, compartilhando comigo a beleza corrompida de sua vida no ápice de sua vulnerabilidade. Foi ali que nossos silêncios se encontraram. Foi ali que o nós aconteceu, numa espécie de antessala dos inframundos emaranhados. Senti a força de sua presença encarnada e insacrificável a qualquer metaforização. Minha razão, ferramenta inútil. Aquele ser escapava e me impelia a escapar junto. Sem tempo para dizer sim nem não, só fui, e fizemos do escapar um lugar de encontro na infamiliar animalidade. Sim, também éramos velhas conhecidas, em parentesco alienígena. E por instantes, na comunicação entre os nossos silêncios, pude ver o fundo de sua vida em carne viva, até me perder no início de seu infinito, onde já não havia mais palavras capazes de dar contorno à desintegração anímica.

Eu fui a única testemunha humana da sua beleza, da sua dor e do seu enigma. E serei para sempre responsável por isso.

Tenho vivo comigo algo do pensamento de Emmanuel Levinas (1982) sobre o elo entre a responsabilidade e o olhar/rosto² do outro como fundamento ético. Apesar desse filósofo também não ter conseguido dar o salto em direção ao incomensurável olhar/rosto animal, recupero algumas considerações suas: é por meio do olhar/rosto do outro que a alteridade absoluta se expressa, que o completamente Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do outro em nós. Esse seria o acesso à ideia de infinito. E se o outro me olha, sou por ele responsável, de tal modo que essa responsabilidade não pode ser distribuída ou diluída igualmente entre as pessoas: “o eu tem sempre uma responsabilidade a mais do que todos os outros” (p. 91), diz ele, diretamente para mim, na experiência empírica com a pomba.

Sofrer-com os animais outros que humanos em nossa conjuntura cultural traz uma singular condição de solidão, de isolamento. Afinal, tanto o sofrer dos animais como o de quem sofre testemunhando seus sofreres não são sofrimentos reconhecidos como dignos de alçar o estatuto de sofrimento. Ou, quando são, frequentemente se encontram escalonados em baixo nível, até mesmo no ridículo. Desse modo, fecha-se o espaço de tratamento no coletivo para aquilo que é do coletivo e que está aí, diante dos olhos. Por isso mesmo é que não bastam os dois pequenos órgãos que a terra há de comer e, precisamente, me refiro à diferença entre observação e testemunho, que Kathryn Gillespie (2016) me ajuda a elaborar: simplesmente observar o sofrimento dos animais nos leva a uma posição de *voyeur*, de compactuação, ainda que isso contrarie a intenção inicial. Em contraste, testemunhar seus sofrimentos requer um engajamento afetivo político. Portanto, quando vamos pensar a direção do tratamento para o horror cometido contra os animais, é preciso que passe obrigatoriamente pela implicação que o testemunho exige.

² Em suas obras em português, o “olhar” foi traduzido como “rosto”.

Aquela pomba e eu formamos duas solidões na avenida. E se numa dimensão os contornos foram rompidos, noutra, foram afirmados – o núcleo de solidão de cada uma não fazia par. Do meu lado, responsável pela ação com veículos à espera, a empurrei cuidadosa e desesperadamente para fora do seu provisório abrigo. E o fiz com os pés. Pois ainda havia isso, o medo pela inaptidão de uma cultura citadina que desabilita as mãos a lidar com as aves (e se ela me bicasse? E se me machucasse? E se eu não conseguisse *savoir-faire* e a machucasse?), junto ao medo provindo do desconhecimento das chagas que se dava a ver em seu rosto (seria passível de contágio? Para mim e para minha família multiespécie?). Esses impasses factuais marcavam o contrassenso das nossas assimetrias: eu, de minha altura, temi aquele tão desprotegido ser.

Assim, da maneira que pude, insisti, implorei para que saísse, até ela ceder, mesmo sem concordar com o meu apelo. Primeiro reclamou, porque queria paz para poder sofrer em paz. Mas depois, vencida pelo elo do instante comigo, assentiu. A conduzi em direção à calçada e ela deu um voo rouco, baixo, manco, para subir o degrau. Ainda podíamos contar um pouco com suas asas, pensei. Segue o trânsito. Por meio do meu olhar, duas transeuntes a perceberam e derramaram piedosas palavras pelo caminho. Uma passagem do mau olhado daquelas duas ao bem olhado dessas duas.

Entretanto, continuamos a sós. E nossos mundos teriam, por imperativo, que se desemaranhar ali. Eu tinha compromissos. Com o quê? Compromissos teóricos com “a ética”, com a linearidade do tempo e com as performatividades esperadas. Além disso, eu tinha peso. Sacos nas costas e nos braços, de alimentos comprados com o último dia de suor antes de um pagamento. Já não havia mais dinheiro para levá-la a alguma clínica veterinária e eu sequer sabia de alguma que pudesse aceitar uma pomba para tratar. Certa vez, num hospital veterinário em São Paulo, fui tratada como inimiga de guerra, ou talvez desertora, portadora de arma biológica letal, uma pomba branca. Fui repreendida já na portaria, por um auxiliar veterinário, que disse para que eu nunca mais atentasse assim contra a norma, a

vida instituída. E hoje, sob a condição de imigrante, sempre sujeita à corda bamba dos fios de alta tensão dos caprichos xenofóbicos, com pouco dinheiro e pedinte de cuidados, seríamos, ela e eu, duas pombas imundas e ameaçadoras no mundo dos homens vestidos de branco.

E se eu a levasse para casa? Precisaria de uma caixa de papelão. Onde haveria de conseguir? E se desse certo, poderia mesmo levá-la com essa doença para um apartamento pequeno com uma criança e duas jovens gatas caçadoras? Senti que eu precisava de ajuda para ajudá-la. Estava perdida, s.o.s. Um sentimento de desamparo e ruína me abateu e me apequenei miseravelmente perante as condições. O tempo passava tão rápido como os pedestres que desembocavam como despojos. Pressionada pela dificuldade do embaraço, precisava tomar uma decisão, e rápido. Foi então que, munida de corajosa covardia, virei as costas, e, como naquela estória bíblica, não me voltei mais sob o risco de virar pó de sal. Escolhi ir embora, ainda sem entender o que eu estava deixando ali.

TERCEIRO ATO: DESASLOJAMENTOS SÓLIDOS

Segurando firme o tal pacote de arroz – fosso aberto –, para que os grãos não escapassem das minhas mãos, busco imediatamente um transporte que me transporte o mais rápido possível dali. O momento é de fuga, de se desvencilhar bruscamente. Assim que me sento, recorro ao telefone e pesquiso na internet por suas chagas, até finalmente encontrar: uma doença chamada “bouba aviária”, causada por um vírus transmissível apenas entre algumas espécies de aves. Erro de julgamento. A ignorância é mesmo uma mortidão. E a biopolítica (Foucault, 2008) que regula e captura os corpos e as subjetividades para gerenciar suas vidas é a sua fiel escudeira na construção moderna que transformou as pombas em bombas de altíssima periculosidade para a vida humana no planeta Terra.

Entretanto, *vivemos-com* e nos *tornamos-com* as pombas há milhares de anos, desde a Idade do Bronze (Binberg, 2018). Dizer que são animais sinantrópicos, que

se adaptaram a viver conosco independente e à revelia de nossa vontade, é uma trapaça, uma desresponsabilidade, um abandono histórico. As tiramos de suas vidas selvagens, as trouxemos para perto. Altamente sociáveis, se deixaram domesticar e nos domesticaram. Já foram amigas, já foram comidas, já foram treinadas, já foram mensageiras, já foram mensagem. Já foram colecionadas, já foram prestígio, já foram alvo, já foram divinas, já foram arte. Do Oriente-Médio, Ásia, Europa, norte da África, foram levadas para todos os céus e infernos sociais, religiosos e estéticos. Prisioneiras dos sonhos coloniais, viajaram nos navios. Séculos no meio-fio, acompanharam as glórias e as quedas de impérios. Resistentes, defecaram nos símbolos de poder, estudaram nossos hábitos, se reorganizaram. Codependentes, passaram fome nas praças desertificadas de gente pela covid-19. Na malha do tempo, reféns e companheiras. Residentes, nem natureza, nem cultura, como nós, “naturoculturas” (Haraway, 2021). Do alto de seus pontos de vista de pombas historicamente situadas, cocriadoras e testemunhas da história. Para a cultura das pombas, definitivamente, sinantropia é a História.

Hoje, com a dívida histórica não reconhecida, elas comem o lixo do lixo que comemos, respiram o ar tóxico dos escapamentos dos veículos, têm as patas mutiladas pelos fios dos nossos cabelos (Jiguet *et al.*, 2019), aparecem em artigos científicos como cobaias para experimentos de quebra de ossos³. Vivem sob a nossa excrecência e nos consternamos com as suas excretas⁴. Agora elas são os “ratos de asas”. E não há quem não saiba o que acontece com um ser, inclusive um rato, quando é colocado no lugar denominado rato. Lhe damos o lugar da

³ Uma busca no Google (acadêmico ou não) por “Columba livia domestica” revela de imediato o enquadre da abundante massa de pensamento. Controle, tediosas provações comportamentais, corpo reduzido à matéria *extensa*. Vida indigna de viver.

⁴ Apesar da contemporânea ojeriza urbana às fezes das pombas, basta deslocá-las desse ambiente e trocar o signifiante por esterco ou estrume para que, num passe de alquimia política, as fezes se transformem em ouro. Seu uso como adubo é feito no Brasil e há muitos séculos na Europa e Oriente Médio. Também há na Bíblia o registro histórico de sua comercialização, sugerindo até mesmo a interpretação de consumo direto em época de escassez de alimentos: “E houve grande fome em Samaria, porque eis que a cercaram, até que se vendeu uma cabeça de um jumento por oitenta peças de prata, e a quarta parte de um cabo de esterco de pombas por cinco peças de prata” (BÍBLIA, A.T. 2 Reis, 6:25). Disponível em: <www.bibliaonline.com.br/acf/2rs/6/25-33>. Acesso em: 23 maio 2023.

miséria imaginativa, do nojo e da raiva que fabrica a razão, de matar. Por isso, as dedetizamos sem pena no mundo de horror que pulsa dentro da arquitetura política hostil, que hoje é o seu berço, nos beirais e unidades de ar-condicionado. Nossa selva de pedra são os seus penhascos perdidos na lembrança faltosa de uma genealogia híbrida, pois

os pombos nos centros urbanos nunca pertenceram à selva; são descendentes dos pombos domesticados libertos e não é possível, assim, categorizá-los precisamente: nem verdadeiramente selvagem nem doméstico. Sua proliferação, permanência e efeitos, neste sentido, são consequências de heranças naturais-culturais. A cidade é o seu habitat de origem⁵ (Galindo & Milioli, 2019).

A transformação das valorizadas pombas em invasoras e pragas urbanas no imaginário coletivo que compões as cidades ocidentais é discutida por Fahim Amir (2020), que localiza, na virada do século XX, dois grandes motivos para tal metamorfose: um, o declínio de seu valor econômico – as inovações tecnológicas e agrícolas substituíram o uso dos pombos como correio e como fonte barata de alimentos⁶, sendo os frangos instituídos como fonte de nutrição comparável. Também suas fezes deixaram de ser usadas como principais fertilizantes. A outra razão foi a ascensão da ideia da metrópole como lugar para o exercício dos mais altos padrões de higiene, incluindo o higienismo estético, as zonas higienizadas de consumo, os espaços urbanos disciplinados. As pombas, já em lugar de inutilidade, assim como os vagabundos, moradores de rua, mendigos, grafiteiros e drogados, passaram a perturbar o ideal da metrópole. Apesar de outros animais presentes nas cidades espalharem muito mais patógenos do que as pombas, elas passaram a ser vistas como “fábricas de germes”, ganhando a antipatia de uma população

⁵ De acordo com um estudo de mapeamento genético, a maioria dos pombos existentes nas cidades mundiais, e também até de pombos considerados selvagens, são descendentes dos pombos-correio do Oriente Médio: <www.science.org/content/article/scienceshot-high-performance-pigeons-have-dirty-little-secret> e <www.seeker.com/most-pigeons-came-from-escaped-racing-birds-1766430626.html>. Acesso em: 22 maio 2023.

⁶ “Até a década de 1950, a pomba era um item semanal do cardápio de metade dos hospitais de Viena, uma ave considerada tão pura que até curava os doentes” (Amir, 2020, p. 33, trad. minha).

disposta a acreditar nisso. O segredo dessa antipatia? Ora, a ofensa do pombo é viver nos locais projetados exclusivamente para o 1viver humano, esse é o fator contaminante. Nas palavras de Amir:

não é porque são sujos que os pombos devem ser removidos dos espaços urbanos. É porque eles perturbam a nova ordem urbana que parecem sujos. Sua visibilidade é parte do problema. Em contraste com texugos, gatos-palheiros, veados e outros habitantes das fronteiras da natureza e da cultura, os pombos não são encontrados na periferia das cidades, mas vivem nos lugares mais públicos e mais visíveis da cidade. Ao contrário dos ratos e baratas, eles não surgem apenas ao anoitecer, mas existem dentro da cidade à luz do dia. Eles podem voar para longe, e sempre o fizeram, e é por isso que não podem ser banidos para dentro de casa como os gatos ou colocados em uma coleira como os cães. (trad. minha, p. 34)

Se a visibilidade é parte do problema que faz as pombas mais “insolentes” do que os ratos, parece que invisibilizar tem sido parte da solução que visa denegar a realidade de não ser possível realizar a fantasia de transformar o planeta num mundo puro de homens que correspondam ao ideário das normas de poder, num imenso “antropo-condomínio”.

Interrompo a viagem dos pensamentos e aterro em mim, na viagem. Agora já não dá para voltar atrás e seguir em frente é constrangedor. É então no percurso da volta que a repetição escapa pelos dedos dos olhos. Depois do tempo de ver, vem o tempo de elaborar. O que foi que aconteceu ali? As perguntas me trazem o ponto cego e quero ver a partir dessa escuridão. Édipo, mediante os fatos, nada via, mas quando viu, furou seus olhos para não ver seus pais no Hades e para romper com

a visão incapaz de lhe desvelar o saber. Privado de visão, olhou sem os olhos. Cego, se tornou um visionário, prevendo o futuro de Atenas (Quinet, 2002).

Nesse momento posso prever o passado. Nele haverá uma tragédia, o irremediável, o retorno de um sintoma histórico chamado abandono. Um sabor ocre se espalha dentro de mim, turvando de vez minha visão: ela estava lá com tudo o que tinha. E eu, eu não.

QUARTO ATO: TESTEMUNHANDO A TESTEMUNHA

Chego em casa, coloco os sacos no chão, mas não os das costas. Desabo em gravidade silenciosa. Eu fui a única pessoa no mundo inteiro que poderia ter feito algo por aquele outro não passível de luto (reitero: para as pessoas) e não consegui fazê-lo. E por que não consegui? Por que raios consegui parar o trânsito por minutos e não consegui tentar mudar o curso daquela história no corpo dela? O que me faltou? Nenhum compromisso, nenhuma performatividade, nenhuma convenção financeira, nenhuma estrangeiridade me convenciam mais. Eu havia deixado o amor na sarjeta!

O amor, dizem (um senso comum que faz fundo em mesa de bar), assim como todo existir, acontece na progressão da malha do tempo. Mas não, ele também é tecido fora do tempo e do espaço. Basta começar a amar alguém para tê-lo amado desde sempre e para sempre. Eu sempre amei aquela pomba. Mas só o soube depois. Trágica experiência do infinito enlaçado no extemporâneo. O amor é sempre e *a posteriori*.

Meu marido me acolhe nos braços, um alento que agrava o desalento: quem deveria estar sendo acolhida era ela. Não suporto. Mas insisto. Me forço a participar da segunda aula do curso, o tal compromisso com “a ética”. Era sobre animais e sociedade. Não posso, câmara fechada, me liquefaço. Só há vozes. Pelo telefone, peço socorro à analista, que, pelas deusas órficas, estava lá. Do fosso,

ressoo, sou quase-toda dor. A toda-dor era ela. Outra vez mais, a assimetria. Agora, ricocheteando nos acolhimentos. Quem pode ter o seu sofrimento acolhido? Quem tem o acolhimento ao sofrimento negado? Não há nada, nenhuma palavra que me permita caminhar. Estou no escuro, não entendo, mas reconheço. Vejo a cara do inconsolável. Horror. Castração. Fico com isso, fim de sessão.

Depois, tento dar contorno, especular ficções. A tentativa já era um movimento. Pondero sobre os compromissos, a linearidade dos passos. Quando eu tinha vinte anos era mais fácil interromper a cadência programada do que agora. As sistematizações se enraízam no sono da razão que produz monstros, como naquela gravura de Goya. Mas a morte e o amar-te não esperam o fim da lista de corres e debes. Em franco diálogo com meus porões, me pergunto sobre como abrir espaço ao outro quando programamos um sistema de mundo para nos programar, com a neurose em seu enésimo grau: o capitalismo. Será que para estender a mão é preciso ter um tempo ou qualquer outra coisa que valha como sobra? Protesto! Com minha bandeira, subo no púlpito e grito que ajudar o outro com sobras é esmola. A solidariedade divide o pão. O companheirismo, o *cum panis*, vem de uma operação de corte. Quando ofereço a metade do pão, também ofereço metade que ficou faltando para mim, e para o outro. “Amar é dar aquilo que não se tem”, diz o provérbio lacaniano. Quando a gente ama, a gente dá a falta (Lacan, 2010).

Mas ora pombas! A despeito da escassez recursos, da solidão, do esmagamento que causa a guerra experimentada pela condição de ser eu mesma uma sobrevivente, obrigada, em nome da vida, a continuar caminhando golpeada pelas veredas feridas dos viventes companheiros que caem a todo instante no mundo, ao lado, à frente, às costas; a despeito de tudo isso, havia algo possível a ser feito ou as condições limitantes já configuraram um contexto da ordem do impossível? Não me refiro à vida ou à morte, a essas, não há garantias, mas à possibilidade de minimizar a precariedade de sua condição precária. Cara ou coroa... impotência ou impossibilidade? É sempre essa pergunta. Na matrix, escolho a pílula vermelha. O

chicote estala na minha face. Eu vi. Eu vejo. Me julgo, me culpo, me expulso. Me exaspero.

É com extrema urgência que procuro as respostas certas para fazer o haraquiri no ponto mais visceral da minha cegueira, para que ela não repita a desonra na guerra, nunca mais. Agora sou eu quem quero a confissão última. Espremo a angústia em estado líquido, o excesso dos sentidos, o emaranhado que a tudo me tomou, a paralisia frente ao horror. Como se o planejado da vida não pudesse deixar de acontecer, ser descontinuado pelas pequenas ou grandes mortes. Tropeço no tombo-pombo real e caio. Para o extraordinário, só mesmo um ato além do ordinário. Talvez eu tenha dado minha falta só até um ponto, o de vírgula.

Agarro respostas, mas não as creio totalmente. O que mais poderia haver? Já encontrei o chão? Como encontrar a outra parte da resposta, se no encontro transitei no entre, no periclitante que vive entre o meu mundo dos fonemas e o mundo do bico calado dela? Re-luto, mas devo me render. Minha linguagem se perdeu ali. Algo que jamais conseguirei traduzir para o mundo das palavras que vivisseccionam sentimentos. No fundo no fundo, não há fundo. Sou obrigada de novo a incorporar essa falta. E me contentar em seguir mancando com respostas não-todas, servida ao mundo dos animais falantes. E faltantes.

QUINTO ATO: EM BUSCA DO PERDIDO

O sol já havia se posto e as pombas se recolhem à noite. Mas... e se ela não tivesse conseguido voar? E se ela ainda estivesse lá, como eu a havia deixado? Por quanto tempo uma cena pode permanecer sem perecer? Então, como se a vida pudesse nos dar essa segunda chance, decido voltar sob a égide do pensamento mágico. Porém, desta vez, não só. Peço ao meu marido e a minha filha que me ajudem com seus olhos. Ela, no alto de seus cinco anos, diz que se visse uma pomba “estragadinha”, com as penas arrepiadas, me avisaria. Acho comovente sua brutal doçura. Pego uma caixa, faço furos e isso já era um respiro para minha ignóbil

asfixia. Partimos em direção ao centro da cidade, na insólita busca de uma, não qualquer uma, pomba na noite de Lisboa.

Lá chegando, saio voando em direção ao lugar em que nos desencontramos. Tarde demais, a realidade não é, desde sempre, como o amor. Procuramos ao longo da rua, do outro lado, na praça do Rossio, nas veias adjacentes, embaixo dos carros, pulmões, caminhões, bueiros, bocas, bancos e bancas de jornais. Olhamos os beirais dos edifícios, os breus das janelas abertas para a ruína. Nenhum rastro, nem mesmo que fosse o de sangue. Havia ainda os contentores de lixo, mas não tive estômago. Se eu fosse aquela pomba, onde eu poderia estar, além de encovada, com dor, na dor do meu peito? Meu coração tentava buscar a pulsação do coração dela. Ainda pulsava? Se eu o deixasse me conduzir, poderia chegar até ela? De onde você está, consegue me ouvir? Me encontre por favor!

Horas atrás estivemos unidas no espaço mestiço dos nossos silêncios e agora estamos separadas a não sei quantas milhas de distância na escuridão dos séculos nesse quarteirão, onde você se evade da minha língua. Mas eu também *soul* não-toda linguagem e sei da importância da palavra para mediar a dor. Por isso, me preocupo por você não falar. Será que isso te faz viver a dor sem intermédio? Essa é uma possibilidade que a filósofa Cristina Beckert (2017) apresenta, ao discutir com uma ala de defensores de maiores direitos aos animais, conforme a hierarquização da dor e das capacidades cognitivas à nossa semelhança. Para esses, quanto mais autoconsciência, memória, projeção de futuro, mais um animal experimenta sofrimento psicológico, entendido como algo mais grave do que a dor física. Por isso defendem que esses animais sejam considerados pessoas. Incidindo nesta linha, Beckert (2017) inverte o vetor e mostra os efeitos da fragilidade do não-poder – o que dizer dos animais cuja capacidade de memória e a capacidade de antecipação são menores? Sua resposta: “ao ser afectado por um estímulo doloroso, é todo ele dor, pois não possui a capacidade reflexiva suficiente para se distanciar dela e projectar a possibilidade de um estado não doloroso futuro” (p. 26).

É todo ele dor. Desde que li, nunca esqueci. Era toda ela dor. Desde que a vi, nunca a esqueci. Tua dor, tua coisa, a coisa-causa perdida. Embora eu nada pudesse dizer sobre suas capacidades cognitivas e de seus criativos arranjos psíquicos de pomba para lidar com a dor-sofrer, estou plenamente ciente de que seu ninho está no âmago do inimigo. Penso na asserção: os animais não falam. Diante disso, pode-se esfregar uma mão na outra e dizer “oba”, pode-se ocupar o lugar da indiferença e assim causar estragos pela indiferenciação, ou então, assumir uma posição de diferença cuidadosa, sensível com essas outridades e com as dimensões do ser onde a fala não chega. Pois é isso, precisamos ler a sentença da tradição humanista ao inverso. Se for para responder em seus termos binários e sem nuances (dos quais discordo plenamente), não são “os animais” que não têm linguagem. É a linguagem que não os têm, que não os alcança. Essa falta está na linguagem. Fiquem com isso.

Já eu, fico com o desolamento em espiral. Novamente assinto em ir embora sem ela, mas agora, dez da noite, levando na caixa vazia a sua ausência. Eu temia isso, essa obscena, violenta captura do íntimo nada dentro. Talvez fosse o nosso silêncio. Sim, era o nosso silêncio. A invasão do seu silêncio no meu, descolando as minhas membranas auditivas até fazer trauma nos pequenos ossos. Isso não se deu a ver, mas eu escuto agora. Sob as minhas defensivas normas neuróticas, um estupro na alma. Mas a natureza e deus são amorais. Angústia em estado sólido: foi por isso também que pedi para não ir só. Marido, filha, pomba, por favor, não me deixem sozinha hoje nesse lugar chamado morte com um isso chamado O Silêncio do Outro. Sim, aquela pomba, um animal, meu Grande Outro. Emaranhamento, embaralhamento, desfragmentação do eu. E também, abertura, fresta, o furo por onde o viver emerge. Como suportar a vida com a força que ela implica? Aquela pomba, eu a choro, na porta do tribunal que lhe impugnou a beleza.

Depois, tudo o que eu quis foi dormir no ninho do abismo. Descer para a cova, apagar. Mas antes de desintegrar, sem entender a minha lógica e a perpetuando, sou picada. Agarro no ar o fiapo cósmico que zumbiu em meu ouvido: o problema

pode ser o horário. Amanhã de manhã, pode ser que ela volte ao mesmo lugar. Resisto e durmo.

SEXTO ATO: TEMPO DE CONCLUIR

No dia seguinte, continuo obstinada em busca do tempo perdido. Acordo, faço buscas na internet, quero me especializar nas suas possíveis rotinas e regras. Há mesmo chance de que ela tenha voltado para lá? Navegando, encontro um grupo de defesa das pombas em Portugal, “Pela Vida e Dignidade dos Pombos”. É esse. Envio minha mensagem de náufraga. Sou breve, só conto o necessário. Não quero ser criminalizada por outrem, faço isso melhor. Por favor, alguém do outro lado me diga, seria possível que ela voltasse? Uma resposta chega. Eco. Nessas situações, se a gente não faz algo na hora, depois não dá para rastrear.

Saio imediatamente com o vazio na caixa dentro da sacola para pegar o próximo bonde, condenada a retornar ao local do crime por sua indigestibilidade. A dinâmica da manhã era diferente, e o sol, já forte, fazia com que as pombas preferissem as sombras. Mas havia algumas que preferiam as sobras dos cafés das esplanadas. Seria improvável que ela quisesse comer, porque ontem não quis. Mesmo assim, ando por entre as mesas e meus olhos passam por cada uma delas. Hesito como etóloga do comportamento humano: eu poderia perguntar para as pessoas que trabalham aqui na calçada se viram uma pomba filhote debilitada? Sei que seria loucura perguntar e me inibo, porque é preciso loucura tanto para reconhecer o sofrimento de uma pomba em Lisboa quanto para abraçar um cavalo espancado em Turim. Além de Nietzsche, haveria mais alguém aqui comigo, louco o bastante para curar a razão e pedir perdão por tamanha humanidade?

Avisto pombas nas sombras dos altos monumentos da praça do Rossio e voo para aquela direção. Dez metros acima. Meus olhos míopes seriam capazes de alcançá-la? E se alcançasse, como faria eu para pegá-la? Minhas asas foram cortadas, mas

insisto em tentar o reconhecimento facial. Outra vez, ela não cessava de não estar mais lá.

Atravesso a rua, na tentativa de retornar ao ponto onde tudo começou. Mas onde foi mesmo que tudo começou? Ontem, nos meus três anos de idade, com a cachorra Neném, minha primeira melhor amiga? Ontem, quando a minha bisavó – mulher de outro tempo – fazia chover arroz nas pombas que nos visitavam nos fins de tarde? Ontem, quando ela me deu o milho para que viessem comer na minha mão? Lembro daquele elo amarelo, pequeno ponto de convergência nas aberturas de um pequeno bico e uma pequena mão, tecendo a confiança a partir do fio do medo. Aquela proximidade de atmosferas, o seu branco, a estranheza com crueza de um parasita dando-se a entrever por debaixo de suas penas. E o nosso nada poder fazer a respeito.

O estado de não-poder é também uma condição partilhada entre crianças e animais. “Ambos compartilham uma condição de vulnerabilidade que, por muito tempo, os colocou do lado da natureza [...], como seres instintivos ou, no caso das crianças, como manifestações despreparadas da humanidade” (Policarpo et al., 2018, p. 220, trad. minha). São os “menores” perante a escala valorativa do poder “antropoadultista”, que tanto trata mal, maltrata e mau trata a animalidade e a infância que nos constitui. Meses atrás, minha filha me contou que um inseto, conforme sua descrição, “não-fofinho”, “mas muito diferente, com coisas que não eram antenas, espalhadas pelo corpo”, apareceu na escola, despertando a atenção dela e de outras crianças, que logo formaram um círculo em sua volta, de onde o olhavam com interesse e distância respeitosa, pois “não sabiam o que ele poderia fazer”. Até que chega um garotinho, fura o círculo e, imediatamente, pisa no inseto. “O medo dele machuca”, ela concluiu.

Quem acha que as crianças “não entendem”, ou que os animais “não respondem”, nunca se abaixou, nunca desceu das alturas para tentar escutá-los. Sim, o medo dele machuca. Mas dele quem? Quem é o dele quando se fala dele? “A melhor

defesa é o ataque”, diz o ditado que dita. Nossa monocultura afetiva tem horror ao não-poder e se apressa em passar por cima dos diferentes modos de lidar com esta condição, priorizando o ensino de que pisar no outro, exterminá-lo, é o que garantiria poder, e logo, proteção contra a vulnerabilidade que perpassa a todos os mortais. Como se essa vulnerabilidade fosse um defeito, e não um efeito pulsante do jogo da vida e suas relações. Como se, por isso mesmo, não fosse possível experimentar a vulnerabilidade de forma menos reativa, como se devêssemos e pudéssemos extirpá-la, expulsando o outro.

Em contrapartida, a emblemática situação que aconteceu na escola também expressou a outra perspectiva, a zona de insubmissão aos enquadres normativos de poder: as crianças formaram a roda e ali se detiveram, recriaram suas agências no encontro com a agência do estrangeiro e negociaram com seus sentimentos de curiosidade e medo, qual a proximidade e a distância seguras para manterem a si e o outro em condição de *fluidez de vida*. Um modo de experimentar e entalhar em seus corpos uma grafia que modifica o encaminhamento normopático dado à vulnerabilidade mútua de ser criança e ser inseto, por meio do cultivo do gosto pela coexistência, pela contemplação da diferença, da beleza, da liberdade e da riqueza intraespecífica do outro⁷, extraindo assim mais prazer em nutrir a vida (e nutrir-se dela) do que domá-la, submetê-la por meio do poder. Por isso, junto ao não-poder, penso que a outra condição de partilha entre crianças e animais, é o poder de *criar junto*.

Eu fui chocada pela pomba que procuro e pelas pombas que passaram pela minha primeira infância. Fui gestada em exogestação, no fora do útero, no quintal e na rua, pelo forasteiro animal de não estimação. Sob o calor de seus corpos, saio do

⁷ Recupero aqui o contexto das palavras de Verónica Policarpo et al. (2018), inserido na discussão sobre literatura vegana voltada para crianças: “os seres humanos são apresentados como tendo o potencial de se tornarem compassivos com outras espécies, de coexistir pacificamente com elas. Esse movimento ético, baseado em uma racionalidade orientada por valores, também traz um senso de empoderamento humano: humanos, crianças ou adultos, ‘aprendem’ a ter ‘prazer’ com a contemplação da beleza, da liberdade e riqueza intraespecífica de outros animais, em vez de consumir seus corpos, fluidos ou representações objetificadas. Uma mudança da ‘exploração para a admiração’; uma transformação ontológica com consequências éticas em relação ao o mundo não humano (Cole e Stewart, 2014)”. (p. 218, trad. minha).

ovo. Elas me criaram. Como é bom poder ser o objeto na relação com um animal. O adultismo, em sua neurose obsessiva, não brinca, só joga a sério. E quer sempre jogar na mesma posição frente ao projetado adversário animal. Qual posição? A de sujeito, a de quem é permanentemente o receptáculo do domínio da “visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência” (Lacan, 1996, p. 75). E em determinação compulsória, os animais são postos para jogar na posição de objeto, de quem não vê, não tem consciência. Derrida (2002), fala disso: tratamos os animais como coisas vistas, mas que não veem. Não nos permitirmos nos ver vistos pelos animais e extrair daí consequências.

Contudo, apesar das crianças estarem sempre instaurando a tensão entre a criação de novas sintaxes contra-hegemônicas, grande parte sucumbirá aos pesadíssimos ordenamentos de obediência às autoridades, aos adultos que corporificam os enquadres políticos que apresentam os estreitos horizontes relacionais com os animais. Eu e as pombas tivemos muita sorte em ter a minha bisavó como mediadora, nos apresentando essa possibilidade de relação, de resistência. Inevitável aqui não lembrar da figura da mulher idosa associada aos pombos, sob os termos de uma militância afetiva em larga escala, que as levam a desafiar leis, a enfrentarem os guardas nos parques e outras vigilâncias mais, para sustentar uma práxis social-revolucionária (Amir, 2020).

Então, depois de ficar algumas horas pensando essas coisas e estudando estrategicamente movimentos de pombas e pessoas, decido por fim iniciar minha pesquisa de campo sobre a pomba e a loucura. Os primeiros para quem pergunto são dois garçons indianos, que me respondem a partir da barreira linguística entre mim e eles, sobre nós e as pombas. Sem entender bem o que pergunto, muito embora percebessem ser uma conversa sobre pomba, me dizem, com o parco português que podiam, que não haviam visto a mesma pomba que eu vi (e a mesma, ninguém mesmo o poderia), e me recomendam algo que entendo ser um tipo de quadro de avisos de achados e perdidos, que ficava um pouco à frente, ao pé do Elevador de Santa Justa. Me contento com o desencontro e penso na ideia

de espalhar cartazes pelo centro. “Você viu essa pomba?”. A poética do sonho e a intervenção pela desantropocentrização do olhar na cidade. Os agradeço muito e saio.

Embora ninguém dali parecesse reparar nas tristezas das pombas, para minha surpresa, me responderam com seriedade e respeito, e senti um pouco mais de fé na pós-humanidade. A última pessoa que abordei disse que talvez alguém a tivesse levado. Por dois segundos e meio vislumbro a estranha possibilidade de eu e a pomba não estarmos a sós e saio do narcísico olho do furacão: neste instante, ele não olhava só para mim. Já estaria naturalizado na cultura iluminista dividir o peso da responsabilidade do testemunho e do ato de cuidado das outridades radicais com a coletividade? Eu que não percebi? Rio por dentro. A correnteza não me levará a cair na tentação da crença nos jogos de azar. E mesmo se o dia de hoje fosse dez séculos adiante, eu não poderia me esconder no grupo. Eu estive com ela. E era eu quem ainda estava ali, com o peso da caixa vazia vazando pelos furos.

Em meus últimos suspiros, dou mais uma volta. Com o inconsciente a céu aberto, finalmente encontro um louco, um homem à margem, que dividia o seu pão com as pombas na praça do Rossio. A despeito dos alto/auto-falantes espalhados no espaço: “não alimente os pombos”, o ingerenciável da infância, da velhice, da loucura e da animalidade resiste ao egoísmo e à guerra. “Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça, dando milho aos pombos”, canta mais alto Zé Geraldo (1986). Voo em busca daquele alimento e ali permaneço um momento, em ritual de silêncio, com aqueles companheiros. Repouso na quietude. Penso em perguntar, mas agora temo a resposta da loucura. Acato, me submeto, me convenço de que já não há mais o que perguntar. Depois do tempo de elaborar vem o tempo de concluir. Aceito que a perdi. E que ela, neste mundo, está perdida para sempre. Eu sinto muito.

Sem final feliz, essa é uma história de amor. Me despeço da passante, não baudelairiana, que encontrarei e perderei para sempre no infinitivo do silêncio, sob o pouco e o muito que houve entre nós. Voo embora para te decantar e encantar no luto, te gestar e te parir no mundo, onde os só os humanos habitam.

Adeus pombinha. Até sempre.

SÉTIMO ATO: UM META-TESTEMUNHO ÉTICO-ESTÉTICO

Derrida (2002) disse que “ninguém pode negar o sofrimento, o medo ou o pânico, o terror ou o pavor que podem se apossar de certos animais e que nós [...] podemos testemunhar” (p. 56). Medito nas variações do poder no testemunho. Ter o poder de testemunhar. Não ter o poder perante aquilo que se testemunha. Ter o poder de dar o testemunho. Voltar a perder o poder na impossibilidade de transmissão fiel daquilo que se testemunha, já que, como testemunha, passo a fazer parte da cena no ato do testemunho. Testemunha-se, portanto, a partir de um ponto de vista e de um ponto cego. O testemunho é um acontecimento que se desdobra na cadeia de poder, sendo o testemunhar o seu primeiro de outros atos.

Continuo a partir de Derrida (2002) e Gillespie (2016). Podemos testemunhar o sofrimento dos animais. Mas é preciso mais do que o testemunhar. Poder ser afetado, testemunhar, dar o testemunho, decidir qual será o tratamento dado a um testemunho, ter o poder de extrair ou de não extrair consequências, são movimentos intrínsecos e indissociáveis da responsabilidade do testemunho. Processo que também coloca em questão o ponto-cego social, tendo em vista que uma testemunha pode se aliar à vítima ou ser cúmplice do carrasco, sobretudo quando este corporifica a própria lógica da infraestrutura que organiza/intermedia as nossas relações com os animais outros que humanos.

Um testemunho implica, assim, uma forma de ver e de narrar a partir do afeto. Sem afeto, só há mero acontecimento visto, nada a olhar. Na condição de testemunha, sou responsável pelo que testemunho. Guardiã da cena da pomba, da própria pomba e dos nossos afetos, zelo para que encontrem refúgio nos gravetos de minhas palavras construídas sobre o abismo. Nesse lugar, só há alojamento precário, mas não creiam por isso que seja fraco. As pombas fazem ninhos com gravetos mal-arranjados que “vão ganhando consistência sólida com as fezes dos filhotes as quais formam uma liga entre os gravetos” (Silveira, 2012 apud Galindo & Milioli, 2019). É mesmo bonito o destino que suas culturas dão à precariedade de origem: a sustentam em composição com os restos, conseguindo, assim, extrair estabilidade e resistência. Em vez de excluírem a vulnerabilidade e os dejetos, criam com essas instâncias a primeira *condição* para que suas vidas sejam vivíveis.

Não obstante, neste testemunho-desatino, também me arisco voluntariamente à pecha de humanismo, de egoísmo. Afinal, é com o meu penar que escrevo Pomba e que descrevo aquela pomba. A pomba está sempre aparecendo e desaparecendo, entre o vivente real e o real do vivente, entre o ela e entre o eu, entre o fato e o artefato, entre a política e a poesia. Devo advertir, contudo, que situá-la no entre, no impuro que não nega o outro e nem o eu, assumindo o instinto cultural no enlace com o absolutamente outro, é para mim uma tarefa de honestidade, um esforço de afirmação da coexistência de diferentes campos da experiência e de não abastecer a santidade, a castidade da neutralidade, a crença na completa saída de si para dizer o estrangeiro. Longe de fazer da pomba um referencial ausente, apagado, encoberto tal como Carol Adams (2012) precisamente apontou, construo esse testemunho, envolvendo-a: meu olhar sobre o seu olhar, um fino e poroso véu que delineia seus contornos, tridimensiona sua presença, deshomogeneiza o mundo puro de homens. Minha dor, por fim, não é o fim, mas o meio, a metodologia narrativa por onde tento fazê-la aparecer na urbe que a invisibiliza na transparência objetiva subtra(i)dora de sua aura.

Sim, a aura. Vamos restituir a alma dos animais pela aura. Aquilo que Benjamin (2006) chamou, pensando o conceito de aura na natureza, por “aparecimento único de algo distante, por muito perto que esteja” (p. 13), e que Gernot Bohme (1993) expressou, em diálogo com Benjamin, como o “a mais” que sai das coisas, os “êxtases das coisas”. Bohme (1993) exemplifica lindamente: a aura é aquilo que sai, tal qual a cor de um objeto que não se restringe a ele, que é irradiada, tingindo o ambiente. Ao contrário da ontologia clássica que atribui às coisas restrição, unidade e diferenciação pela contenção de suas formas, como se as coisas se dessem apenas no interior de seus contornos, as coisas saem de si mesmas, se externalizam, criam *atmosferas*. Para senti-las e sermos afetados, continua ele, é preciso estarmos com o corpo presente e aberto.

Uma pomba me a-tingiu. Meu corpo, presente aberto, entre o *Chronos* e o cromático do seu presente aberto. Afetada por seu “a mais”, num passe de magia, fui transformada em testemunha. Eu e ela, separadas pelas formas, incluindo as formas de poder que nos distam, nos encontramos na exterioridade do a mais que sai (ou cai) de nossos corpos, simultaneamente, no êxtase da perda e do excesso. Mas o duro ponto de fricção do paradoxo dá-se na assimetria da derrota – o tempo titânico a devorou tão cedo, tão filha, e eu não consegui tirá-la de sua rota –, e na simetria da resistência – não nos daremos por vencidas até que toda hibridização de importância de reconhecimentos contaminem a antro-pureza. Assumo assim a herança de teus restos mortais. O que me resta é fazer algo, e dali tirar um alguém.

Libertar alguém da condição de algo por meio de sua auratização é um processo de encantamento, ou da quebra dele, que a arte revela. A instalação “*Wrapped Trees*”⁸, de Christo e Jeanne-Claude (1997-98), é icônica para mim. Nessa obra, as copas de algumas árvores que vivem no parque da Fundação Beyeler, na Suíça, foram “embrulhadas” com um leve tecido durante um mês no inverno (o casal de artistas frisa que é uma técnica usada anualmente no Japão para proteger as

⁸ A obra pode ser vista em <<https://christojeanneclaude.net/artworks/wrapped-trees/>>. Acesso em: 24 maio 2023.

árvores do gelo e da neve). Cada árvore (ao todo, 178) teve um tecido costurado conforme o seu tamanho e a singularidade de sua forma, sendo a característica visual desse material a da semitransparência – nem tão transparente para fingir que “a cultura” não estava lá e nem tão opaco para fingir que “a natureza” não estava lá. Seu impactante efeito visual variava ainda com a composição do movimento da luz solar, recriando diferentes interiores e exteriores. Penso aqui no semi, no entre, como criação de espaços de passagens entre os mundos, na medida em que os invólucros naquelas árvores faziam uma função oposta ao encobrimento: por meio dele, as árvores foram corporalmente convocadas para serem olhadas e as pessoas foram corporalmente convocadas para olhá-las. Se tornaram agudamente perceptíveis, destacando-se da colagem achatante e normopática a que são submetidas (Garcia da Costa, 2020). Dois grandes pontos de irradiação de “a mais”, cujo efeito foi o redescobrir. Sim, as árvores foram redescobertas! O reencanto é um reencontro com a estranheza do outro.

A tentativa de fazer do testemunho uma arte intermediadora de mundos tão diferentes é um exercício que não cessa de se incompletar no impossível e que implica uma ética da palavra, uma ética da diferença e uma ética do cuidado. Ou, um cuidado com a diferença pela palavra. Porque se a palavra mata a coisa, já passa da hora de lhe devolvermos a vida com a palavra. Mas não com as mesmas. Eu e as pombas estamos empanturradas de palavras todas, preenchidas, superdotadas. Precisamos das palavras que bordam, que realçam, que *com-*tornam o furo do desejo pelo mistério do Outro, Animal.

Finalizo esse testemunho apostando na vida após a morte. Não para reencontrar a todos que amei na Terra, mas para recontar os seus destinos na Terra. Retirar uma pomba do lugar do ódio e dizê-la no amor. Por entre as folhagens de um olhar, uma pomba é chorada n’alguma humanidade. Por meio dele, as pombas choram.

Chorar-com os não choráveis da nossa cultura é o coração do ativismo. E quem testemunha um testemunho também é corresponsável pelo que testemunhou.

REFERÊNCIAS

Adams, Carol (2012). *A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina*. São Paulo: Alaúde.

Araújo Júnior, Erivelto C. (2014). *Cryptococcus: isolamento ambiental e caracterização bioquímica*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araçatuba, Brasil.

Beckert, Cristina (2017). Ética animal: uma contradição nos termos? In Cristina Beckert. *Do Animal à Biosfera: Estudos sobre o estatuto moral da natureza* (pp. 47-54). Lisboa: CFUL.

Benjamin, Walter (2006). A obra de arte na época de sua possibilidade de reprodução técnica. In *A Modernidade*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Bergson, Henri (2005). *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes.

Binberg, J. Karin (2018). *Birds in the Aegean Bronze Age*. Ph.D Thesis, Oxford University, Oxford, United Kingdom.

Böhme, Gernot (1993). Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. *Thesis Eleven*, 36(1), 113-126.

Butler, Judith (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Christo e Jeanne-Claude. (1997-98). *Wrapped Trees*. Fondation Beyeler and Berower Park, Riehen: Switzerland. Recuperado em 24 maio, 2023 de: <https://christojeanneclaude.net/artworks/wrapped-trees/>.

Coetzee, John M. (2002). *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras.

Derrida, Jacques (2002). *O animal que logo sou*. São Paulo: Unesp.

Drummond de Andrade, Carlos. (1959). Memória. In Carlos D. Andrade. *Poemas*. Rio de Janeiro: J. Olympio.

Fahim, Amir (2020). *Being and swine*. Toronto: Between the Lines.

Foucault, Michel (2008). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Jiguet, Frédéric, Sunnen, Linda, Prévot, Anne-Caroline, & Princé, Karine (2019). Urban pigeons losing toes due to human activities. *Biological Conservation*, 240, 108241.

Freud, Sigmund (1925/2006). A negativa. In Sigmund Freud. *Obras completas*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

Garcia da Costa, Luanda Francine (2020). A criação de atmosferas proprietaristas e expulsivas pela aletosfera. *Atas do Colóquio Internacional Atmosfera, Stimmung, Aura: nos interstícios da filosofia, paisagem e política*. Lisboa, Portugal: CFUL.

Geraldo, Zé (1986). *Milho aos pombos*. In Zé Geraldo. São Paulo: CBS.

Gillespie, Kathryn (2016). Witnessing animal others: bearing witness, grief, and the political function of emotion. *Hypatia*, 31(3), 572-588.

Haraway, Donna (2021). *O manifesto das espécies companheiras*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Lacan, Jacques (2010) *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques (1996). *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Levinas, Emmanuel (1982). *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70.

Nagel, Thomas (1974). Como é ser um morcego? *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies*, 19(1), 109-115.

Policarpo, Verónica, Monteiro, Teresa L., Truninger, Mónica, Almeida, Ana Nunes, & Rodrigues, Leonor B. (2018). A life of their own: children, animals, and sustainable development. In Ana Delicado, Nuno Domingos, & Luís Sousa (Eds.). *Changing societies: legacies and challenges. vol. iii. the diverse worlds of sustainability* (pp. 203-225). Lisbon: Imprensa de Ciências Sociais.

Quinet, Antônio (2002) Édipo entre a visão e a cegueira: o olhar no teatro trágico. In Antônio Quinet. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise* (s.p.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Reis 2 (2023). In *A Bíblia*. Recuperado em 23 junho, 2023 de: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/2rs/6>.

Wadiwel, Dinesh J. (2015). *The war against animals*. Leiden/Boston: Brill Rodopi.

A INSÓLITA BUSCA POR UMA POMBA EM LISBOA

Resumo

Apoiada numa conjuntura situada com um vivente real singular e por meio da articulação entre testemunho, narrativa especulativa e pensamento formal, proponho com este depoimento colocar em questão, para além do enquadramento da antroponormatividade, o encontro e o desencontro com uma pomba em intensa condição de precariedade numa região central de Lisboa, de modo a conceder-lhe um lugar de vida chorável entre a comunidade humana e assim trazer alguns elementos de análise sobre o lugar de não reconhecimento dos animais mais que humanos como vidas passíveis de luto, partícipes e pertencentes da nossa sociedade, especialmente no que concerne à maneira que criamos e gerimos as cidades, e nos organizamos nelas.

Palavras-chave

Pomba. Precariedade. Vidas não passíveis de luto. Olhar. Cidade.

LA INSÓLITA BÚSQUEDA DE UNA PALOMA EN LISBOA

Resumen

Apoyado en una coyuntura situada con un vivo real singular y a través de la articulación entre testimonio, narrativa especulativa y pensamiento formal, propongo con este testimonio poner en cuestión, más allá del marco de la antroponormatividad, el encuentro y desencuentro con una paloma en intensa condición de precariedad en una región central de Lisboa, para darle un lugar de vida digna de duelo entre la comunidad humana y aportar así algunos elementos de análisis sobre el lugar de no reconocimiento de los animales que son más que humanos como vidas que pueden ser lloradas, como participantes y pertenecientes a nuestra sociedad, especialmente en lo que respecta a la forma en que creamos y gestionamos las ciudades, y nos organizamos en ellas.

Palabras clave

Paloma. Precariedad. Vidas no merecedoras de luto. Mirada. Ciudad.

THE UNHEARD-OF SEARCH FOR A PIGEON IN LISBON

Abstract

Supported by a situated conjuncture with a singular real living and through the articulation of testimony, speculative narrative and formal thought, I propose with this testimony to question, beyond the framework of anthroponormativity, the encounter and mismatch with a pigeon in an intense condition of precariousness in a central region of Lisbon, in order to give it a place of grievable life among the human community and thus bring some elements of analysis of the place of non-recognition of animals that are more than human as lives that can be mourned, as participants in and belonging to our society, especially with regard to the way we create and manage cities, and organise ourselves in them.

Keywords

Pigeon. Precariousness. Ungrievable lives. Gaze. City.

CONTRIBUIÇÃO

Luanda Francine Garcia da Costa

A autora declara ter tido de todas as fases do processo de elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Costa, Luanda F. G. (2024). A insólita busca por uma pomba em Lisboa. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 241-276.